

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

VIRLANDIA MOURA LIMA

**O EROTISMO PRESENTE NA PERSONAGEM RITA BAIANA DO ROMANCE
NATURALISTA *O CORTIÇO***

**PICOS
2014**

VIRLANDIA MOURA LIMA

**O EROTISMO PRESENTE NA PERSONAGEM RITA BAIANA DO ROMANCE
NATURALISTA *O CORTIÇO***

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura plena em Letras/português, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Orientadora: Profa. Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho

PICOS

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L732e Lima, Virlândia Moura.
O erotismo presente na personagem Rita Baiana do romance naturalista O Cortiço / Virlândia Moura Lima. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (47 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profa. Me. Margarethe Valdivino da Luz de Carvalho

1. Erotismo. 2. Naturalismo. 3. Patologias Sexuais. 4. Rita Baiana. I. Título.

CDD 801.95

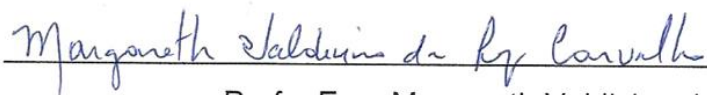
VIRLANDIA MOURA LIMA

**O EROTISMO PRESENTE NA PERSONAGEM RITA BAIANA DO ROMANCE
NATURALISTA O CORTIÇO**

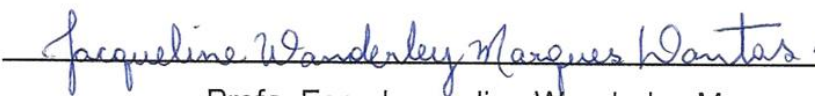
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Letras/Português da Universidade
Federal do Piauí-UFPI, Campus Senador Helvídio
Nunes de Barros-CSHNB, como requisito parcial
para a obtenção do grau de licenciada em
Letras/Português.

Orientadora: Profa. Esp. Margareth Valdivino da
Luz Carvalho

Aprovada em 15 de Agosto de 2014.



Profa. Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
(orientadora)



Profa. Esp. Jacqueline Wanderley Marques Dantas
(examinadora)



Profa. Ma. Fernanda Martins Luz
(examinadora)

Dedico este trabalho a todos os meus familiares e amigos, que de alguma maneira contribuíram para que eu alcançasse essa vitória. A Deus, que em todos os momentos me deu forças para eu não desistir perante os obstáculos, aos meus pais, Francisca Neusa e Vidal Lima, pelo incentivo e apoio que me deram, ao meu irmão Vanielton pelo carinho que sente por mim, de uma maneira especial ao meu maravilhoso esposo Bruno Diego pelo seu amor e compreensão, às minhas amigas de curso, que dividiram comigo alegrias e momentos difíceis e especialmente, dedico a minha orientadora, a professora Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho, que com seu conhecimento, carinho e compreensão me ajudou a concretizar esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que foi o meu alicerce, me dando sabedoria e capacidade para escrever e principalmente, porque em todos os momentos me deu forças para seguir em frente e não desistir.

Aos meus pais, Francisca Neusa e Vidal Lima que me incentivaram e me deram condições propícias para a concretização dessa conquista. Obrigada pelo amor, dedicação e confiança que sempre depositaram em mim, pois se assim não fosse talvez não teria alcançado essa grande vitória.

Ao meu amado esposo Bruno Diego, que esteve do meu lado em todos os momentos difíceis, sempre me apoiando com seu amor, compreensão e dedicação. Obrigada meu AMOR, você sem dúvidas foi essencial para que eu conseguisse realizar esse sonho.

A minha orientadora, a Professora Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho, uma mulher admirável que com seus conhecimentos, me orientou a fazer um bom trabalho. Obrigada pela sua paciência e compromisso, em dedicar seu tempo para a realização dessa pesquisa.

As minhas amigas de curso, Valdênia, Jakelline e principalmente a Flávia, que acreditou em mim e me incentivou a seguir em frente e não desistir em meio a tantas dificuldades. A amizade de vocês foi um presente de Deus, juntas compartilhamos muitos momentos de alegrias, passamos por dificuldades, mas ao final tudo deu certo. Que não se apague as lembranças dos momentos vividos.

RESUMO

Em meados do século XIX, a mulher desempenhava papéis inferiores e submissos em relação ao homem, o espaço doméstico era totalmente destinado ao sexo feminino. Contrariando as regras vigentes da época, Aluísio de Azevedo, traz a tona no seu romance, *O Cortiço*, a Rita Baiana, uma personagem dotada de sensualidade e independência, capaz de despertar o desejo dos homens que a conhecem. De acordo com essas ideias, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar de maneira crítica a força de dominação erótica da personagem citada, na intenção de mostrar o poder da mulher naturalista, poder este que pode influenciar e modificar o comportamento do sexo oposto, além disso essa pesquisa tem por finalidade explicar quais as consequências causadas pela força do erotismo na vida dos personagens Firmo e Jerônimo, amantes de Rita. Baseado nisso, ressalta-se que o Naturalismo foi a estética literária que adotou como uma de suas principais temáticas as patologias sexuais, que retrata o sexo como um comportamento marginalizado e vicioso. A partir desses pressupostos, nota-se que o comportamento da Rita nos permite ter uma visão mais ampla da sexualidade da figura feminina, mostrando uma personagem vulgar e convidativa para o sexo, apta a fornecer prazer, porém ao mesmo tempo, ela não se prende a suas paixões e deixa seu efeito devastador. Diante disso, ressalta-se que essa pesquisa foi feita a partir de um estudo bibliográfico, com base em autores como: Alberoni (1993), Azevedo (2012), Bataille (2013), Bosi (2006), Castello Branco (1985), Bulhões (2003), Costa (2004), Coutinho (2004), Durigan (1985), Foucault (2006), Ismério (1995), Moisés (1985), Paz (2001), Sodré (1965).

Palavras-chave: Erotismo. Naturalismo. Patologias Sexuais. Rita Baiana.

ABSTRACT

In the mid-nineteenth century, women played lower and submissive roles in relation to man, the domestic space was entirely for the female. Contrary to the current rules of the time, Aluísio de Azevedo, has revealed in his novel, *The Slum*, Rita Bahia, a character endowed with sensuality and independence, able to arouse the desire of men in the know. According to these ideas, this research aims to analyze critically the strength of erotic domination of said character, intending to show the power of female naturalist, this power that can influence and change the behavior of the opposite sex, as well that this research was to explain the consequences caused by the eroticism of force in the lives of the characters Firmus and Jerome, Rita lovers. Based on this, we stress that Naturalism was a literary aesthetic that has adopted as one of its main thematic sexual pathologies, which portrays sex as a marginalized and addictive behavior. On this basis, it is noted that Rita's behavior allows us to have a broader view of sexuality of the female figure, showing a vulgar and inviting character for sex, able to provide pleasure, but at the same time, it is not related their passions and let their devastating effect. Therefore, it is emphasized that this research was done from a bibliographical study, based on authors such as: Alberoni (1993), Azevedo (2012), Bataille (2013), Bosi (2006), White Castle (1985) Bouillon (2003), Costa (2004), Coutinho (2004) Durigan (1985), eddy (2006), Ismerio (1995), Moses (1985), Peace (2001) Sodré (1965).

Keywords: Eroticism. Naturalism. Sexual Disorders. Rita Bahia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A POLÊMICA <i>VERSUS</i> INOVAÇÃO: O NATURALISMO E A REPRESSÃO À MORALIDADE SOCIAL.....	11
2.1 A Crítica Social Realista: Realismo e Naturalismo Brasileiro	11
2.2 Naturalismo: Análise Científica da Sociedade	14
3 O PARADIGMA SEXUAL FEMININO: A SEXUALIDADE DA MULHER NO SÉCULO XIX	19
3.1 A Proliferação da Sexualidade no Século XIX.....	19
3.2 A Limitação Sexual Feminina: o papel da mulher no século XIX	22
4 EROTISMO: A SENSUALIDADE CENTRADA NO IMAGINÁRIO HUMANO	28
5 O EROTISMO FEMININO PRESENTE NA PERSONAGEM RITA BAIANA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa possui como temática o erotismo feminino presente na personagem Rita Baiana, do romance naturalista *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Diante disso, este estudo se configura em mostrar o domínio sexual da personagem em questão, sobre seus amantes, Firmo e Jerônimo, respectivamente. Dessa maneira, esta monografia possui como problemática investigar as consequências provocadas pelo erotismo da Rita, que pode influenciar no comportamento do sexo oposto, acarretando fatores negativos para seus amantes.

No que concerne à hipótese, apoiamo-nos em Alberoni (1993), que afirma que a força erótica feminina pode ter autocontrole sobre o sexo oposto, pois o homem é influenciado por uma forte atração, que provoca inquietude e atiça seu desejo sexual. Nesse sentido, o grande poder erótico e dominador da mulher possui a capacidade de modificar a vida de um homem, levando-o ao desatino.

Dessa maneira, esse estudo também busca refletir sobre a temática erótica naturalista, procurando situar a obra *O Cortiço* em seu contexto histórico. Além disso, essa pesquisa objetiva identificar a força erótica sexual da mulher naturalista (Rita Baiana), focando, principalmente em aspectos negativos que acarretam atrocidades na vida de seus amantes.

É importante ressaltar que o principal interesse em trabalhar com o erotismo surgiu a partir do primeiro contato que tive com a obra naturalista *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, no 5º período do curso de Letras/Português na disciplina Literatura Nacional III. Através desse estudo, me interessei a pesquisar sobre a estética naturalista, já que no ensino médio, não tive a oportunidade de estudar profundamente essa temática. Além disso, a Literatura possui grande importância no espaço social, pois a narrativa literária, aborda na maioria das vezes, problemas relacionados a sociedade, no intuito de apontar fatores que afligem o meio social.

Para o desenvolvimento desse estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, na intenção de analisar a manifestação do erotismo presente na personagem Rita Baiana, além disso, foram feitas diversos tipos de leituras, que se baseiam, principalmente no romance *O Cortiço*, levando em conta estudos que tratem do erotismo, da sexualidade, do Naturalismo e do comportamento feminino no século XIX. Dessa forma, será adotada uma pesquisa explicativa, pois conforme Gil (2011, p.28) “este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da

realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. Diante disso, se faz necessário ter um conhecimento mais amplo sobre a temática erótica da Rita.

Em relação à organização dessa pesquisa, esta por sua vez se estrutura em quatro capítulos. O primeiro versa sobre o contexto histórico das estéticas do Realismo e do Naturalismo, além disso, também é abordado as principais características dessas correntes literárias, que surgiram no século XIX.

O segundo capítulo trata sobre a sexualidade feminina na época em estudo. Será explicado sobre a repressão do cristianismo e do cientificismo no que diz respeito a prática sexual, nesse mesmo capítulo será descrito sobre o papel da mulher nesse período, no qual abordará sobre os limites impostos pela sociedade da época.

O terceiro capítulo, explica o conceito do erotismo na visão de alguns teóricos, em seguida, estabelecemos as diferenças entre erotismo e pornografia, com a intenção de mostrar em qual definição se encontra o romance *O Cortiço*.

Por fim, o quarto capítulo se refere à análise do romance em estudo, no qual será investigado na narrativa aspectos ligados ao erotismo da personagem Rita Baiana, com o intuito de comprovar os efeitos ocasionados pela força erótica nos seus amantes Firmo e Jerônimo.

2 A POLÊMICA *VERSUS* INOVAÇÃO: O NATURALISMO E A REPRESSÃO À MORALIDADE SOCIAL

2.1 A Crítica Social Realista: Realismo e Naturalismo Brasileiro

Durante a segunda metade do século XIX, o Brasil passou por um período de profundas transformações, o que acarretou mudanças nos elementos sociais, econômicos e políticos que constituíam a estrutura da civilização brasileira (COUTINHO,2004). Nessa época, o Brasil estava enfrentando o processo abolicionista e, concomitantemente, mudanças no antigo governo monárquico, por isso Bosi (2006, p.174) afirma que “o tema da Abolição e, em segundo tempo, o da República serão o fulcro das opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870”.

Segundo Coutinho (2004, p.17), “de uma sociedade agrária, latifundiária, escravocrata, aristocrática, passava-se para uma civilização burguesa e urbana, fase preparatória da industrialização”. Nesse sentido, o trabalho escravo foi aos poucos sendo substituído pelo trabalho dos imigrantes que chegavam ao Brasil (BOSI, 2006), favorecendo a mão de obra agrícola nas fazendas da alta burguesia, dessa forma, o trabalho escravo dá espaço ao trabalho assalariado no Brasil. A industrialização teve grande importância, porque privilegiou, de certa forma, a burguesia que foi favorecida economicamente na área industrial.

Sendo assim, o governo republicano foi tendo grande destaque, visto que a população se encontrava insatisfeita com o regime monárquico, pois segundo Miguel-Pereira, (1973, p.122) “desde 1870, a inquietação política, que sucedera à relativa estabilidade dos primeiros trinta anos do reinado de D. Pedro II, era um reflexo do espírito racionalista da época”. Nesse sentido, a monarquia foi entrando em declínio, pois não conseguia acompanhar o processo de evolução da sociedade brasileira, o que favoreceu a entrada do regime democrático (SODRÉ, 1965).

Segundo Sodré (1965, p.13), “a segunda metade do século XIX assiste à expansão burguesa no mundo (...)”. Nesse momento histórico, a sociedade burguesa passa a ter grande destaque, graças aos avanços tecnológicos que propiciaram o progresso da indústria, dessa forma, a burguesia passou a ter domínio, até então exercido pela classe territorial (SODRÉ, 1965).

A partir da década de 80 se “modifica de modo sensível o nosso panorama literário” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p.121). Com a intenção de radicalizar o Romantismo, surge o Realismo e o Naturalismo (MOISÉS, 1985), que se caracterizam por utilizar em suas narrativas uma crítica voraz à sociedade, na intenção de revelar os problemas sociais, que até então não tinham espaço na prosa romântica.

O Realismo começou por volta de 1850 na França (SODRÉ, 1965) com a publicação do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, no Brasil teve como marco inicial a publicação, em 1881, de dois romances: *O mulato*, de Aluísio Azevedo, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (MOISÉS, 1985). Sobre a estética realista, Sodré (1965, p.30) argumenta que “o romance realista encara a podridão social usando luvas de pelica, numa atitude fidalga de quem deseja sanar os males sociais, mas sente perante êles profunda náusea, própria dos sensíveis e dos estetas”.

Tal como afirma Sodré (1965), na intenção de trazer à tona o comportamento social, os escritores realistas abandonam a subjetividade romântica e vão em busca de temáticas contemporâneas ousadas, inserindo nas obras literárias personagens com um intenso drama psicológico, semelhante a pessoas do cotidiano. Tendo como uma de suas principais características revelar situações conflituosas que foram ocultadas pelo Romantismo. Além de deixar de lado o sentimentalismo, os autores realistas tinham preferência por descrições com riquezas de detalhes, que propiciavam ao leitor apreciações de aspectos da realidade ao qual estava inserido (COUTINHO, 2004).

Sobre a subjetividade romântica, Bosi (2006, p. 177) escreve:

O romântico não teme as demasias do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de propósito a realidade, como anacronicamente se poderia hoje inferir: é a sua forma mental que está saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural a mitização dos temas que escolhe. Ora, é esse complexo ideo-afetivo que vai cedendo a um processo de crítica na literatura dita ‘realista’. Há um esforço, por parte do escritor antirromântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século.

De acordo com o exposto acima, o espírito romântico não tinha a intenção de mostrar situações enganosas e nem modificar a realidade ao qual estava inserido,

na verdade, os escritores do Romantismo queriam trazer em suas narrativas um mundo social idealizado baseando-se nas emoções do “eu interior”. Em consonância com esse pensamento Bosi (2006, p.97) destaca que “o *eu* romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão”. Contrários a essa prática, os autores realistas pretendiam abordar em seus romances uma crítica sociológica, deixando de lado o herói romântico, que agora passa a ter problemas e conflitos.

Fazendo uso de uma linguagem coloquial que reforça a verossimilhança da narrativa, os autores realistas procuravam desmascarar a falta de caráter da burguesia (MOISÉS, 1985), que incluía principalmente a Igreja e o Casamento burguês. Segundo Bosi (2006, p. 179, grifos do autor):

(...) as vicissitudes que pontuaram a ascensão da burguesia durante o século XIX foram rasgando os véus idealizantes que ainda envolviam a ficção romântica. Desnuda-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais (*raça, clima, temperamento*) ou culturais (*meio, educação*) que lhes reduzem de muito a área de liberdade. O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.

Considerando a assertiva, observa-se que o escritor realista através da observação fiel da realidade, procura explorar em suas obras os temas mais sórdidos que chegavam até mesmo a constranger a sociedade da época. A temática amorosa deixa de ser artificial e se torna alvo de críticas, pois a infidelidade conjugal passa a ter um espaço privilegiado nessa narrativa.

Retratando o comportamento da burguesia, o Realismo irá focalizar a falta de fidelidade dos cônjuges, retratando a temática sexual através dos amores proibidos, considerados como um desvio de conduta contrários ao pensamento que prevalecia na época. Segundo Moisés (1985, p.18), o Realismo tinha a intenção de “revelar o mal interno do corpo social sem lhe oferecer a terapêutica, salvo a que motivava a impiedosa análise: o desmoronamento da classe monárquico-burguês-clerical”. Sendo assim, a temática amorosa dá espaço a mentiras e infidelidades, a partir daí, deixa de ser idealizada.

Assim como o Realismo, o Naturalismo também procura criticar a sociedade, por esse motivo, estão interligados, porém, o Naturalismo é uma ampliação do Realismo. Nesse ponto, Bosi (2006, p.178, grifos no original) afirma que “o

Realismo se tingirá de *naturalismo*, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das 'leis naturais' que a ciência da época julgava ter codificado (...)". De acordo com esse ponto de vista, vale destacar que o Realismo e o Naturalismo possuem algumas características em comum, pois ambos mostram a realidade dos fatos, porém são teorias diferentes, já que o Naturalismo encara a sociedade de forma mais profunda, além de se definir principalmente por adotar em seus romances as teorias científicas.

2.2 Naturalismo: Análise Científica da Sociedade

A literatura naturalista possui como método investigativo o homem inserido na sociedade, onde procurava observar o seu comportamento, no intuito de comprovar através de fatos, que o ser humano está completamente envolvido pela fisiologia, por esse motivo acredita-se que a natureza é uma força superior, capaz de influenciar e modificar a conduta humana. Além disso, com o propósito de renovar a arte literária, o Naturalismo tem como uma de suas finalidades examinar o meio social, procurando desvendar assuntos que antes eram ocultados pela estética romântica. Nessa direção, Sodré (1965, p.136-137) argumenta que:

O instrumento aparentemente poderoso do naturalismo consistia na descrição fria e fidelíssima, na mera reprodução, naquela "bisbilhotice de trapeiros" já referida por alguém. A reprodução fiel, a cópia habitual, tornaram-se uma receita. Ela se definiu sob as condições da sociedade do ocidente europeu na segunda metade do século XIX. Havia que reproduzir, e não apenas aqueles cenários antes objeto de reprodução, mas outros, alargando o campo de observação e integrando nele outras faixas da atividade humana. O naturalismo, assim buscou crescer em extensão, quantitativamente. Não apenas reproduzir o conhecido, o costumeiro aquilo que vinha sendo objeto da narração romântica, mas também, e principalmente, aquilo que ela escondera com o seu véu denso e deformante. Ora, o mais velho dos temas, o do amor, tinha um mundo escondido. Foi esse mundo que o naturalismo atacou principalmente, atacou a fundo, trazendo para a ficção dos aspectos recônditos, violentos e orgânicos do amor. O que, antes era apenas sentimento, passou a ser fisiologia.

De acordo com a citação, compreende-se que o Naturalismo surgiu para radicalizar temáticas românticas, que se empenhavam em ocultar a sua verdadeira face. As obras naturalistas não queriam mostrar apenas o real, e sim retratar o comportamento patológico e animalesco do ser humano. O amor passa a ser retratado de maneira marginalizada, pois traziam em suas narrativas relações

sexuais que não envolviam sentimentalismo, mas que estavam voltados para o prazer carnal, além de explorar temáticas ousadas e polêmicas, através de uma linguagem simples, mas capaz de despertar no leitor repulsa, indignação e constrangimento.

O Naturalismo se baseia na tese determinista de Taine, defendendo a ideia de que o meio interfere no comportamento do indivíduo, sobre isso Bosi (2006, p.183) comenta:

O determinismo reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar ao fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino das suas criaturas.

Nesse ponto, conforme a ideia do autor, a teoria determinista acredita que o ser humano não tem a capacidade de tomar suas próprias decisões, já que este não possui autonomia de escolher e decidir seu próprio destino, pois a natureza é superior à conduta do homem. A herança genética também é um fator que influencia o caráter dos personagens nos romances naturalistas, nesse aspecto, sobre o determinismo, Coutinho (2004, p.11) afirma que “o homem nada é senão uma máquina guiada pela ação de leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio físico e social”. Desta forma, o comportamento humano é explicado através do meio no qual está inserido e através dos traços genéticos que determinarão sua conduta.

Bulhões (2003, p.23) afirma que “(...) os próprios romances naturalistas apresentariam ‘leituras’ da vivência erótica, uma vez que se empenhariam em captá-la e representá-la (...)”. Em virtude disso, percebe-se que tais romances são caracterizados por tratar o erotismo de forma ousada e ao mesmo tempo sutil. No Naturalismo, o sexo é visto como patologia, pois segundo Bosi (2006, p.182) “(...) o naturalista julga ‘interessante’ o patológico, porque prova a dependência do homem em relação à fatalidade das leis naturais.” Analisando sob esse prisma, o ser humano é incapaz de dominar seus instintos sexuais, visto que o fator sexual é tratado na narrativa de maneira compulsiva, ou seja, o homem não consegue esconder ou evitar seu desejo.

Envolvido com a corrente darwinista, o Naturalismo analisa a condição animal do homem, conforme apontado por Bosi (2006, p.202):

A redução das criaturas ao nível animal cai dentro dos códigos antirromânticos de despersonalização; mas o que uma análise mais percuciente atribuiria ao sistema desumano de trabalho, que deforma os que vendem e ulcera os que compram, à consciência do naturalista aparece como um fado de origem fisiológica, portanto inapelável.

Nesse aspecto, conforme a ideia do autor, no romance naturalista existe o processo denominado zoomorfismo, no qual “o homem é comparado a um animal, presa de forças fatais e superiores” (COUTINHO, 2004, p.12), ou seja, ele age instintivamente e não pensa nas consequências de suas atitudes, além disso, segundo a teoria Darwinista apenas os mais fortes conseguem sobreviver às leis da natureza, pois conforme Bosi (2006, p.203, grifos no original) “(...) a natureza humana afigura-se-lhe a uma *selva selvaggia* onde os fortes comem os fracos”. Por esse motivo, se faz necessária a evolução das espécies.

O Naturalismo se apoia nas ideias positivistas de Augusto Comte, onde o homem passa a ser objeto de observação, dando ênfase ao seu mundo interior, em busca do progresso da evolução humana. Nesse aspecto, as obras naturalistas possuem caráter experimental, pois partem da análise da sociedade em geral para mostrar que o indivíduo é movido por forças naturais como também pela hereditariedade. Sobre o romance experimental, Castello Branco (2004, p.51) explica:

(...) os romances experimentais eram verdadeiros diagnósticos da sociedade da época. E através da análise, classificação e dissecação de corpos doentes, o naturalismo afastava definitivamente da ordem social os comportamentos indesejáveis.

Nesse sentido, o romance experimental adota uma visão observadora e crítica da sociedade da época, procurando possíveis explicações para comportamentos considerados desviantes. Baseado nisso, Zola (1979, p. 27, grifos no original) afirma que “a ciência experimental não deve se preocupar com o *porquê* das coisas; ela explica o *como*, e nada mais”. Sendo assim, os romances naturalistas terão apenas a função de analisar e justificar a conduta do indivíduo no âmbito social.

Nas palavras de Coutinho (2004, p. 11):

Quanto ao Naturalismo, é um Realismo a que se acrescentam certos elementos que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo, pois que o termo inclui escritores que não se confundem com os realistas. É o Realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade.

Conforme o pensamento do autor, a estética naturalista assim como a realista objetivavam analisar criticamente a sociedade, mas há uma diferença que os torna inconfundível, o fato de que “as convicções naturalistas tem como base as ideologias científicas” (BULHÕES, 2003, p.151). Nesse aspecto, as teorias científicas são essencialmente naturalistas, pois reforçam a ideia de que apenas o progresso científico será capaz de diagnosticar e explicar as atitudes do homem inserido no ambiente social.

Sobre o caráter científico dos romances naturalistas, Castello Branco (2004, p.50) afirma que:

O curioso é que essas idéias científicas não se propagaram apenas através da medicina e da biologia, mas invadiram os lares lançando mão de um discurso ainda mais impiedoso, embora sutil: o discurso literário. O naturalismo, estilo que esteve em moda na época, nada mais é do que o discurso literário das idéias científicas de seu tempo. As personagens dos romances naturalistas encarnavam as mais frequentadas anomalias do século XIX: o homossexualismo, a prostituição, a histeria, o alcoolismo, etc. E os narradores, imbuídos de ideologia científicas de então, eram os doutores que diagnosticavam o puro e o impuro, saudável e o doentio, a sanidade e a loucura.

Baseado nisso, os romances de caráter naturalista, apoiados excessivamente na ciência (MOISÉS, 1985), trouxeram para a narrativa personagens corrompidos, com comportamentos e atitudes que constrangiam a sociedade da época. Nessa perspectiva, Castello Branco (1985, p.51) argumenta que “aos escritores naturalistas era dado o direito de poder penetrar nos cantos escuros onde proliferava a sexualidade à margem”, ou seja, através da representação dos personagens, os escritores retratavam temáticas diferentes e polêmicas, como por exemplo, os amores proibidos, a prostituição e a presença de relações sexuais explícitas, que até então não tinham espaço nas obras românticas.

Perante o que foi dito, conclui-se que a estética naturalista estava fortemente associada a ciência, no qual acreditava que a marginalidade sexual envolvia práticas que iam contra as regras estabelecidas pela sociedade da época em

estudo. Desse modo, nota-se que os autores dessa estética literária faziam uso de romances de tese, que visavam diagnosticar a sociedade em geral, além disso, ressalta-se que o erotismo é retratado no Naturalismo de forma explícita, onde faz uso de descrições minuciosas da sexualidade periférica, chegando até mesmo a constranger o leitor.

3 O PARADIGMA SEXUAL FEMININO: A SEXUALIDADE DA MULHER NO SÉCULO XIX

3.1 A Proliferação da Sexualidade no Século XIX

O século XIX foi um período marcado pelo discurso sexual (FOUCAULT, 2006) presente na sociedade dessa época. O cristianismo teve como finalidade associar o sexo ao pecado, dessa forma, a questão sexual passou a ser uma atividade totalmente restrita e vigiada pela Igreja, que estabelecia regras no intuito de controlar, principalmente, a sexualidade da mulher. Desse modo, a conduta sexual passou a ter um forte vínculo com o caráter repressivo da instituição cristã (CASTELLO BRANCO, 1985).

A sexualidade estava completamente envolta por manifestações discursivas que almejavam proibir atos sexuais associados ao prazer, nesse aspecto a Igreja teve forte apoio de outras instituições, tais como judiciárias, pedagógicas e médicas (FOUCAULT, 2012). Nessa linha de pensamento, ressalta-se que toda essa censura não foi capaz de evitar relações íntimas que transgrediam a moral imposta pela sociedade. Já que essa marginalidade do sexo suscitava ainda mais aspectos que estimulavam o desejo carnal estigmatizado (CASTELLO BRANCO, 1985).

Sobre a sexualidade no século XIX, Castello Branco (2004, p.53) escreveu:

O século XIX é conhecido como o período da sexualidade encarcerada, muda e hipócrita. E, no entanto, é nessa época que proliferam textos exibindo corpos nus e “perversões” de toda espécie. É lógico que essas ousadias eram permitidas porque, através do estudo e da análise dos chamados fenômenos anormais, o que se buscava era exatamente defender a normalidade e a ordem.

Conforme o pensamento da autora, o fator sexual foi ao mesmo tempo, alvo de curiosidade e repressão, mas teve destaque principalmente nas obras naturalistas, já que estas descreviam cenas de sexo com riqueza de detalhes, explorando o desejo e o seu lado patológico. Outro aspecto importante é que, os textos naturalistas ao levarem para o centro da narrativa temáticas que envolviam a transgressão sexual, tinham como propósito controlar e evitar a marginalidade sexual, ou seja, visavam trabalhar “(...) a favor do bem-estar humano (...)” (CASTELLO BRANCO, 1985, p.50).

Para Bulhões (2003, p.37) “depreende-se [...] que o sexo ficou resguardado no mais recôndito espaço da intimidade: o quarto da família burguesa.” Dessa maneira, ressalta-se que atividades sexuais fora do espaço matrimonial, eram vistas como comportamentos tidos como imorais e vergonhosos, já que infringiam as regras impostas pela sociedade da época. Nesse sentido, Foucault (2006) compartilha o mesmo pensamento de Bulhões (2003), ao afirmar que apenas o quarto dos pais era o lugar correto para falar e praticar relações sexuais, visto que apenas dessa forma, era possível ligá-lo à reprodução. Nesse sentido, Castello Branco (1985, p.23) afirma que “o primeiro passo a ser dado em direção à regulamentação da sexualidade seria encará-la sob o ponto de vista exclusivamente biológico, vinculá-la à finalidade única da reprodução (...)”. Nesse sentido, o ato sexual tinha como finalidade, somente a reprodução.

Dessa forma tem-se uma concepção sexual amparada nos dogmas do cristianismo, pois a doutrina cristã procurava intervir nas relações sexuais que não se aplicavam ao eixo matrimonial, por isso passavam a serem denunciadas como um prazer marginal e clandestino, que causava desprezo e repúdio por parte da sociedade (FOUCAULT, 2006). Nesse contexto, ressalta-se que durante todo século XIX, o sexo foi visto com certa inibição, lançado sob um posicionamento negativo, que exigia a obediência total dos indivíduos desse período (FOUCAULT, 2006).

Além da imposição do cristianismo a cerca da sexualidade, a medicina, apoiada na ciência que predominou na época, passou a interferir de forma repressora no quesito sexual, conforme as ideias de Castello Branco (2004, p.48) ao afirmar que:

(...) não é apenas através de preceitos religiosos ou determinadas práticas sociais, como o trabalho, que a repressão sexual se efetua em nossa cultura. Há formas sutis de controle da sexualidade que atravessam nossa vida diária e determina nossa maneira de conceber e de vivenciar o erotismo. Uma delas, que se instalou definitivamente em nossa cultura sobretudo a partir do século XIX, e que parecem ter substituído a Igreja em rigor e eficácia, é a ciência.

De acordo com o exposto acima, a ciência associada ao discurso médico, pregava a ideologia que determinava o comportamento sexual “correto” a ser seguido pela sociedade. Dessa forma, o cientificismo, de maneira rígida, disseminou o pensamento de que as relações íntimas ocorridas fora do casamento

eram vistas como aberrações e patologias sexuais, sobre isso, Foucault (2006, p.61-62) assevera que:

Era, também, uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas. A pretexto de dizer a verdade, em todo lado provocava medos; atribuía às menores oscilações da sexualidade uma dinastia imaginária de males fadados a repercutirem sobre as gerações; afirmou perigosos à sociedade inteira os hábitos furtivos dos tímidos e as pequenas e mais solitárias manias; no final dos prazeres insólitos colocou nada menos do que a morte: a dos indivíduos, a das gerações, a da espécie.

Dessa forma, no século XIX, a ciência, auxiliada pelo discurso médico e principalmente pela Igreja, passou a interditar as diversas formas de prazer (DURIGAN, 1985). Sendo assim, o cientificismo fragmentou por completo a sexualidade periférica, além do mais, assumiu o dever de examinar criteriosamente esse tipo de comportamento marginalizado, atribuindo-lhe características inferiores, afirmando com convicção que todas essas práticas sexuais ilícitas eram consideradas doenças do organismo biológico e/ou perversões sexuais anormais. Dessa forma, a ciência procurava diagnosticar, no intuito de solucionar essas condutas tidas como “desviantes” (CASTELLO BRANCO, 1985).

Castello Branco (2004, p.49), afirma que “a partir daí, a ciência invadiu os prazeres do indivíduo: classificou as práticas sexuais em normais e periféricas, analisou as “perturbações do instinto”, legitimou as formas “saudáveis” de amor”. Nesse aspecto, a ideologia cientificista fez uso de um discurso “saudável” que almejava combater comportamentos evasivos, por esse motivo, estabeleceu condutas “certas e erradas” à sociedade (CASTELLO BRANCO, 2004). A conduta sexual tida como normal, se restringia ao matrimônio, enquanto as atitudes desviantes eram voltadas a atividades tidas como indecências sexuais, que rompiam com as normas impostas no âmbito do sexo.

A austeridade da ciência pretendia construir valores sexuais prescritos por comportamentos moldados pelas normas a serem seguidas (FOUCAULT, 2012). Nesse sentido, destaca-se que, o discurso científico procurava o desnudamento da questão sexual, todavia, só se fazia apontar e questionar as situações que rompiam com os paradigmas sociais (CASTELLO BRANCO, 1985). Sendo assim, é necessário frisar que, apesar dessa busca incessante a respeito do sexo, a ciência apenas auxiliou ainda mais a solidificar a ideologia dos “perigos sexuais” que poderiam desmoralizar o indivíduo.

É importante ressaltar que essas regras predominantes nesse período, apesar de fazer menção a todos os indivíduos, o discurso moralista se aplicava principalmente as mulheres, pois as mesmas eram vistas com inferioridade em relação ao sexo oposto, o que desqualificava por completo o perfil feminino, já que este se mantinha submisso ao homem, além de simbolizar a procriação (ISMÉRIO, 1995).

3.2 A Limitação Sexual Feminina: o papel da mulher no século XIX

Ainda no século XIX, a sociedade brasileira teve mais um aspecto importante: a função atribuída à mulher nesse período. Predominou nessa época uma imagem feminina associada ao modelo de Eva, “a pecadora, seduzida pelo demônio e responsável pela expulsão do paraíso” (ISMÉRIO, 1995, p.9). Por esse motivo, a mulher recebeu como castigo a sua dependência total ao homem, além de ser castigada pela dor no parto, contudo, o papel masculino apenas tinha como obrigação trabalhar e sustentar o espaço doméstico. Dessa forma, ressalta-se que a doutrina cristã foi responsável em “encarcerar” a liberdade sexual feminina (ISMÉRIO, 1995), visto que utilizava um discurso que advertia a real finalidade da mulher, enquanto sujeito destituído de identidade.

A educação feminina baseava-se acima de tudo, no âmbito matrimonial (COSTA, 2004), entretanto, o sentimentalismo amoroso não estava prescrito ao casamento, pois nas palavras de Costa (2004, p.216) “O casamento não celebrava, portanto, o reconhecimento social da união amorosa entre indivíduos. Como, aliás, a atração física, cuja ausência ou presença em nada alterava a composição da aliança”. De fato, nota-se que a vertente amorosa não estava enquadrada ao casamento, pois a união conjugal nessa época estava voltada ao interesse financeiro das famílias em questão.

O casamento era importante tanto para o homem quanto para a mulher, porém, em relação ao feminino, o casamento não era só essencial, mas também obrigatório, pois a sexualidade conjugal moldava o modelo de comportamento a ser seguido (COSTA, 2004), além disso, graças ao matrimônio, a mulher não cairia no mundo da prostituição, visto que ela não possuía alternativas: ou seria uma boa esposa ou denegria sua reputação, pois passava a ser classificada como uma mulher perdida, já que levava uma vida fácil (ISMÉRIO, 1995).

Outro ponto interessante é que “a estética da mulher saudável” (CASTELLO BRANCO, 1985, p.46) teve grande influência nesse período, pois já que a mulher só possuía duas opções a seguir, caso ela preferisse a libertinagem sexual, ela se enquadraria na sexualidade doente. (ISMÉRIO, 1995). Desse modo, Ismério (1995, p.22) argumenta que:

O casamento também era uma preocupação constante dos médicos sanitaristas do século XIX, porque era considerado antes de tudo uma forma higiênica de relacionar-se sexualmente e assegurava a boa saúde da sociedade, que assim não precisaria apelar para as práticas sexuais ilícitas, como a prostituição. Chegando ambos castos ao matrimônio, estariam evitando o perigo das doenças venéreas: a gonorreia e a tão temida sífilis, que eram incuráveis e traziam danos à estrutura social e moral. O casamento era a única forma de controlá-las e evitá-las, pois garantia uma sexualidade saudável (...).

Partindo desse pressuposto, compreende-se que os médicos sanitaristas temiam que possíveis doenças sexualmente transmissíveis pudessem afetar o eixo familiar, dessa forma, procuravam manter a higiene sexual, ou seja, para se obter um sexo saudável, era imprescindível que o homem e, principalmente a mulher mantessem uma relação íntima apenas no matrimônio, pois isso evitaria a proliferação de enfermidades sexuais.

Contraditoriamente a essas ideias, o espaço social sempre foi mais flexível ao homem, devido à educação que lhe fora imposta, no qual fornecia ao sexo masculino livre arbítrio perante suas vontades sexuais, pois ao contrário da mulher, ele poderia ter amantes dentro ou fora do casamento (ISMÉRIO, 1995). Por outro lado, era totalmente restrito a mulher à opção de ter um ou vários companheiros, já que isso poderia manchar sua reputação, o que ocasionaria a sua exclusão na sociedade. Em suma, Ismério (1995, p.30) afirma que a moral social “(...) por um lado reprimia e vigiava a mulher e por outro, dava liberdade e tratamento diferenciado ao homem”. Em consonância com esse pensamento, Foucault (2012, p.25) escreve que:

A “fidelidade” sexual do marido com relação à sua esposa legítima não era exigida pelas leis nem pelos costumes; não deixava de ser, contudo, uma questão que se colocava e uma forma de austeridade a que certos moralistas conferiam grande valor.

Considerando a assertiva, por mais que as leis da época exigissem fidelidade por parte do casal, o sexo masculino poderia cometer o adultério, já que

não seria excluído da sociedade, muito pelo contrário, na maioria das vezes, a traição cometida pelo homem era tratada como uma simbologia que exaltava o seu “machismo” (COSTA, 2004), situação esta que não se aplicava as mulheres, já que elas jamais poderiam romper com os paradigmas frequentes nesse período.

Ismério (1995) explica que, a fragilidade, a obediência, a pureza e o sentimentalismo são características essencialmente femininas. Nesse sentido, a mulher era idealizada como uma imagem delicada e perfeita, todavia para alcançar tal perfeição, a autora citada argumenta que durante a juventude, as meninas eram ensinadas por suas mães a realizarem atividades prendadas, como costurar e bordar, além disso, o espaço escolar também visava à realização de programas que tivessem aulas musicais e instrumentais, que ajudavam as jovens a conseguirem um bom dote.

Para Costa (2004), durante o século XIX, reinou o pensamento de que a mulher nasceu para ser mãe e dona de casa, por isso, era ensinada desde a infância sentimentos que pudessem fazer da mulher “amante, esposa e mãe” (COSTA, 2004, p.239), além disso, a fragilidade feminina era bastante estimulada, já que em nenhum momento, ela poderia alcançar a força física masculina, nesse aspecto, ressalta-se que as mulheres sensíveis eram mais capazes de manter estabelecida a conduta que lhe foi imposta (COSTA, 2004). Nessa linha de pensamento, Ismério (1995, p.44) afirma que:

Em outras palavras, o homem deve sustentar e governar a casa pois age de maneira racional, sem nunca se deixar levar por emoções. Por isso, seu campo de atuação é o espaço público, enquanto a mulher, por ser frágil, emotiva e muitas vezes irracional, deve ser protegida no espaço privado do lar, sob a tutela do homem.

Nesse sentido, era dedicado a mulher seu espaço no lar, para que cuidasse da sua família. Contudo, ela não possuía nenhuma autonomia, visto que a todo o momento, era vigiada por algum tutor masculino, que procurava manter sua autoridade, o que acabava fortalecendo ainda mais a superioridade do homem. Outro dado interessante é que, já que foi destinado à mulher cuidar da casa, ela não poderia em hipótese alguma trabalhar fora, porque ela representava uma imagem que remetia aos afazeres domésticos (ISMÉRIO, 1995).

A dependência feminina era ocasionada pelo fato de, muitas vezes elas não demonstrarem atitudes racionais, pois quando eram contrariadas assumiam

atitudes infantis, que eram usadas como artifícios para conseguirem o que queriam. Todavia, esse tipo de conduta acabava desempenhando uma forte influência no homem, já que lhe era despertado um sentimento comovente e, por fim terminava concretizando o desejo de sua esposa. Dessa maneira, a mulher não se importava em ocupar a segunda posição, já que o que importava na verdade, era ter suas vontades realizadas (ISMÉRIO, 1995).

Contudo, caso ela decidisse permanecer solteira, era vista de forma negativa pela sociedade, já que descumpria a sua obrigação que lhe fora imposta. Dessa maneira, não atingia a imagem perfeita e idealizada na época. Além do mais era tachada de “solteirona”, termo expresso de maneira pejorativa e sarcástica por parte do falante (ISMÉRIO, 1995).

O casamento visava controlar a submissão feminina, no entanto, caso elas não aceitassem ser donas do lar, ela poderia se dedicar a um curso de magistério, dessa forma já que seria uma educadora e não teria filhos ela poderia criar um laço fraternal com seus alunos, no qual ensinava os discentes com tamanha dedicação, “como se fossem seus próprios filhos” (ISMÉRIO, 1995, p.32).

Sobre as funções atribuídas a mulher, Ismério (1995, p, 34, grifos do original) afirma que:

(...) a *rainha do lar* tinha como funções principais procriar e criar seus filhos, cuidar do marido respeitando sempre suas exigências e administrar a casa. O *anjo tutelar* deveria cuidar da educação das crianças, servir de musa para inspirar o marido e os filhos para serem homens honrados [...]. Ambos os modelos deveriam zelar pela moral da família, conservando sempre o estado puro, além de doarem-se por completo. Anulando suas próprias vidas, seriam gratificadas ao ver seus filhos crescidos e cidadãos dignos.

Por esse ponto de vista, ressalta-se que a mulher devido às normas exigidas, abria mão de aproveitar sua vida, para viver somente em função do seu marido e seus filhos. Dessa maneira, enfatiza-se que a mulher era responsável por construir o caráter de seus filhos, já em relação ao seu parceiro, ela se tornaria sua serva, por isso, em hipótese alguma poderia desobedecê-lo, além disso, deveria satisfazê-lo sexualmente, sempre que ele desejasse.

Em relação ao desejo sexual, a sociedade sempre estabeleceu comportamentos diferentes para os homens e para as mulheres, nesse aspecto, ao contrário do homem, a mulher era restrita a não deixar transparecer suas fantasias eróticas. Em relação a esse padrão de conduta, Foucault (2012, p.31) nos diz que:

Aí está, sem dúvida, um dos pontos mais notáveis dessa reflexão moral: ela não tenta definir um campo de condutas e um domínio de regras válidas- segundo as modulações necessárias- para os dois sexos; ela é uma elaboração da conduta masculina feita do ponto de vista dos homens e para dar forma à sua conduta.

Sendo assim, o sexo feminino é cercado de limitações regradas pelo sexo oposto, isso acontece porque segundo Foucault (2012, p.31) “eles devem fazer uso de seu direito, de seu poder, de sua autoridade e de sua liberdade (...)”. Nesse aspecto, são endereçadas as mulheres normas de comportamento completamente diferentes e inferiores ao sexo oposto. Nessa linha de pensamento, Ismério (1995) afirma que a subordinação da mulher é acarretada pelo homem, pois primeiramente é mantida pelo pai, em seguida pelo marido, e depois pelos filhos. Se não tivesse filhos “(...) seu sustento caberia aos irmãos e, na ausência de familiares, o Estado assumiria o encargo evitando que ela ficasse desprotegida”. Dessa forma, destaca-se que, em nenhum momento, a mulher poderia garantir a sua independência, já que sua imagem estava vinculada a fragilidade e assim não poderia prover sua subsistência.

Além disso, é importante frisar que as atividades sexuais femininas também eram restritas no casamento. Com base no pensamento de Costa (2004), durante a gravidez, a mulher era obrigada a não ter nenhuma relação sexual com o marido, pois poderia provocar um aborto, já que “(...) os movimentos físicos do coito poderiam ofender o embrião” (COSTA, 2004, p.262). Esse aspecto reforça a ideologia da procriação humana, pois percebe-se que o importante não era a vida sexual ativa do casal, mas sim os meios reprodutivos destinados ao casamento através do sexo.

Outro dado interessante é que até mesmo durante o aleitamento, eram impostas as mulheres advertências sexuais para não afetar a lactação (COSTA, 2004), dessa maneira, elas até poderiam ter relações íntimas, desde que não fossem realizadas com frequência. O ato de amamentar tinha prioridade, visto que estava acima da vida sexual da mulher, dessa forma, destaca-se que “a amamentação colocou a sexualidade da mulher a serviço da família (...)” (COSTA, 2004, p.263).

Ainda sobre a mulher, Costa (2004, p.271-272) assevera que:

Essa criatura médica tornou-se uma arma obrigatória da mulher, que queria livrar-se da opressão do cotidiano familiar. Quando insatisfeita com as obrigações sociais domésticas, a mulher tinha um ataque de nervos; quando descontente com as privações sexuais, também fazia apelo ao nervosismo. Tiranizada pelo nervosismo médico, a mulher serviu-se desse mesmo nervosismo para defender-se de seus opressores e oprimir seus opositores.

Nesse aspecto, é importante frisar que, muitas vezes, a mulher ficava deprimida pelo fato da sociedade ter praticamente lhe anulado do ambiente social, por esse motivo tinha crises nervosas já que estava inconformada com a sua posição inferior além de ter que fazer sozinha, todas as atividades que lhe eram propostas. Nesse contexto, Costa (2004) acredita que esse impulso nervoso, advindo da sua sexualidade, chegou a ter certa importância na vida feminina, visto que muitas vezes era simulado para não aceitar a imposição masculina.

Ainda nessa linha de pensamento, Costa (2004, p. 272) afirma que “(...) as mulheres viram-se coagidas a usar o corpo e o sexo como meio de obter favores e direitos sociais”. Dessa forma, as mulheres faziam greve de sexo como estratégia para conseguir satisfazer suas vontades, necessidades físicas e materiais, além de, na maioria das vezes fingirem ter um colapso histórico para se safar dos ataques masculinos.

Como se pode perceber, durante todo o século XIX a mulher tinha que seguir a risca os paradigmas sociais impostos a elas, na verdade as mulheres tiveram que enfrentar grandes obstáculos para conquistarem o seu espaço na sociedade. É evidente que, ainda hoje persistem ideias conservadoras, discriminatórias e machistas a cerca do perfil feminino, que insistem em afirmar que o ambiente doméstico é propício apenas para as mulheres. Por outro lado, as mulheres, através da sua persistência e determinação conseguiram fazer com que a sociedade enxergasse seus valores, além disso, elas lutaram pelos seus direitos e deveres que sempre lhe foram negados. Por esse ponto de vista, destaca-se que as mulheres ainda enfrentaram muitas dificuldades que não se limita apenas ao que foi escrito já que na realidade as suas restrições foram ainda maiores.

4 EROTISMO: A SENSUALIDADE CENTRADA NO IMAGINÁRIO HUMANO

A questão sexual sempre foi movida por curiosidades, que anseiam em buscar uma resposta concreta e correta a respeito do sexo. Nesse aspecto, é importante ressaltar que o erotismo será abordado nesse capítulo, na intenção de compreender o que vem a ser o ato erótico, no entanto, tal conceito envolve opiniões diversas e abrangentes de vários teóricos, por esse motivo, o erotismo será explicado resumidamente, apenas para facilitar a compreensão sobre a temática a ser trabalhada.

O erotismo diz respeito à sutilidade do sexo, ou ainda pode ser representado com base na volúpia sexual, por isso faz-se necessário esclarecer que o erotismo nem sempre significa um ato sexual explícito e consumado, também pode tratar-se de uma insinuação provocante com base na idealização humana, nesse contexto, Paz (2001, p.16) explica que “em todo encontro erótico há um personagem invisível e sempre ativo: a imaginação, o desejo”. Dessa forma, é importante enfatizar que o erotismo pode se manifestar apenas no imaginário humano, sem que haja a necessidade da concretização através do ato sexual. Para Castello Branco (2004) a pulsação erótica associa-se ao silêncio, pelo qual visa algumas vezes, a fuga da sua percepção, que implica na representação do fenômeno erótico.

Sobre o erotismo, Paz (2001, p.12) argumenta que a prática erótica “é sexo em ação”, mas não está voltada para a procriação, visto que o erotismo não tem por finalidade a reprodução. No entanto, Bataille (2013) afirma que:

(...) a reprodução se opunha ao erotismo, mas, se é verdade que o erotismo se define pela independência entre o gozo erótico e a reprodução como fim, o sentido fundamental da reprodução não deixa de ser a chave do erotismo.

Por esse ponto de vista, Bataille (2013) acredita que, apesar da oposição da procriação diante da prática erótica, o erotismo ainda tem como base a reprodução, visto que pode envolver a manifestação concreta do ato erótico, através da atividade sexual.

O erotismo faz parte do instinto humano, é algo que está ligado ao prazer, à sensualidade e à paixão, pois segundo Durigan (1985, p. 8), “o erotismo não imita a sexualidade, ‘é sua metáfora’”. Nesse sentido, tendo como base as ideias de Durigan (1985), o texto erótico será representado metaforicamente, tendo como

suporte à narrativa. Nessa mesma perspectiva, Bataille (2013, p. 16) afirma que “o erotismo é a dança, propriamente humana, que se dá entre estes dois polos: o do interdito e o da transgressão.” Isso quer dizer que, a liberdade sexual sempre teve que superar limites, regras e restrições impostas pela sociedade, porém as normas estabelecidas no âmbito social são rompidas, no momento em que o homem não consegue controlar seus impulsos sexuais.

Diante disso, o referido autor (2013, p. 87) argumenta que “não há interdito que não possa ser transgredido”. Sendo assim, compreende-se que a violação dessas normas são imprescindíveis para que a estabilidade se mantenha, no qual auxiliará no processamento do erotismo, visto que está associado justamente a aspectos que induzem ao aparecimento de preceitos impostos pela sociedade, que visa a ruptura de tais regras (CASTELLO BRANCO, 1985).

Quando se pretende analisar o erotismo em obras literárias faz-se necessário esclarecer a diferença entre os conceitos de erotismo e pornografia, pois para Castello Branco (1985, p.18):

Obras que realizam a exploração do sexo com fim em si próprio, sem preocupações de caráter estético, são, em geral, consideradas como pornografia, subliteratura. Obras que, a partir do sexo, abordam outros motivos e, por fim, transcendem o caráter exclusivamente sexual. São consideradas eróticas, literárias.

Sendo assim a pornografia retrata o sexo de forma explícita para prender a atenção do seu público alvo, tendo por objetivo transformá-lo em um produto consumível, já o erotismo não se limita apenas ao ato sexual, mas, sobretudo “no jogo da sedução erótica e do envolvimento” (BULHÕES, 2003, p.30) entre os parceiros. Por esse ponto de vista, o texto pornográfico procura envolver o leitor no âmbito textual, através de imagens de sexo completamente explícitas, fazendo com que o mesmo entre em contato com o prazer sexual. Já no texto erótico, o leitor se mantém distante e adquire um saber sobre o prazer com base na narrativa (DURIGAN, 1985).

Nesse sentido, Castello Branco (2004) assevera que a exploração da sexualidade em textos pornográficos é, sobretudo, apelativa, visto que, no intuito de alcançar um grande número de público, o sexo é retratado de maneira grosseira como também superficial, no qual, pretende-se atingir o prazer imediato do leitor ou telespectador.

A pornografia procura mostrar a nudez do corpo, no entanto, apenas esse ponto não é suficiente, pois os produtos tidos como pornográficos procuram enfatizar explicitamente os órgãos genitais daqueles que fazem parte do espaço pornô. Nesse aspecto, nota-se que ao dar prioridade às partes íntimas, a pornografia leva-nos a compreender que a satisfação sexual só pode se concretizar através desse âmbito visual (CASTELLO BRANCO, 2004).

Castello Branco (2004) explica que a pornografia, além de ter como foco as relações sexuais expostas, ela também faz uso de outros adereços que tentam estimular ainda mais o prazer do sexo. Nesse sentido, é bastante comum no meio pornográfico, a prática masturbatória individual ou em dupla, excluindo por completo, qualquer sentimentalismo amoroso, além disso, não há preocupação ou remorso, depois da saciação sexual.

Segundo Paz (2001, p.106) “o erotismo é a dimensão humana da sexualidade, aquilo que a imaginação acrescenta à natureza”. Nessa perspectiva, ressalta-se que o erotismo está associado à mentalidade do homem, que anseia em despertar a sua libido sexual, todavia, isso não significa afirmar que, através da prática erótica, sempre se pode alcançar o êxtase do sexo.

De acordo com o que foi exposto, compreende-se que o erotismo está vinculado a sensualidade que provém da idealização do ser humano, todavia, a pornografia tende a trabalhar com a exposição vulgar das relações sexuais (CASTELLO BRANCO, 2004). Desse modo, ressalta-se que a obra *O Cortiço* não se define como pornográfica, visto que não tem como propósito estimular o prazer no leitor. Contudo, esse romance apenas apresenta alguns personagens que possuem um intenso erotismo, que é representado através da imaginação ou da prática sexual, dentre os quais a Rita Baiana é a que mais se destaca, visto que sua eroticidade é enfatizada a todo momento na narrativa.

5 O EROTISMO FEMININO PRESENTE NA PERSONAGEM RITA BAIANA

Antes de adentrar na análise da personagem Rita Baiana, do romance *O Cortiço*, se faz necessário explicar que a temática erótica envolve diversas interpretações, portanto esse trabalho se limita a investigar o comportamento erótico da personagem citada, na intenção de analisar a dominação feminina sobre o sexo oposto e as consequências causadas pela força do erotismo na vida dos personagens Firmo e Jerônimo, da obra em questão.

Vale destacar que o romance *O Cortiço* apresenta o erotismo em outras personagens, porém, esse trabalho se restringe a pesquisar essa temática apenas na Rita, visto que, dentre outras, ela é a que mais representa fortemente características ligadas à prática erótica.

Rita Baiana é representada na obra como uma personagem repleta de sensualidade, no qual possui em sua personalidade um erotismo aguçado, capaz de influenciar no comportamento dos homens que a conhece, deixando-os hipnotizados graças ao seu grande poder de sedução. Vale destacar que essa personagem é descrita na obra como uma mulher de cabelos crespos e brilhantes, além de possuir um frescor sensual de mulata brasileira. Outro fator importante que a caracteriza como objeto de desejo é o seu corpo, que é representado por uma silhueta, na qual reúne qualidades que fazem dela um ser que provoca no sexo oposto estímulos voltados ao imaginário sexual.

A narrativa descreve a Rita como uma personagem de vida simples, e mesmo sendo lavadeira como as outras mulheres do cortiço, não se deixa vencer pelas dificuldades da vida, pois é uma mulher independente que sobrevive através do seu trabalho. Ela é querida por todos, é generosa, engraçada e, acima de tudo, despreza por completo o casamento, porque está associado à ideia de fidelidade e respeito. Quando a Rita está ausente, deixa saudades e todos que vivem no cortiço sentem a sua falta, a saber:

Rita havia parado em meio do pátio. Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novidades dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador.

Acudiu quase todo o cortiço para recebê-la. Choveram abraços e as chuvas de bom acolhimento. (AZEVEDO, 2012, p.62).

Esse trecho da obra faz alusão à chegada da personagem em estudo no cortiço, que estava ausente há aproximadamente três meses. Conforme o fragmento acima, percebe-se que a Rita era estimada por todos os que residiam na habitação coletiva, visto que estavam sentindo falta da baiana. Nesse momento a Rita é questionada se estava acompanhada por alguém, logo em seguida ela responde que estava em Jacarepaguá na companhia do seu amante Firmo. A relação do Firmo com a baiana,

(...) era uma coisa muito complicada e vinha de longe; vinha do tempo em que ela ainda estava chegadinha de fresco da Bahia, em companhia da mãe, uma cafuza dura, [...] A cafuza morreu e o firmo tomou conta da mulata; (...) (AZEVEDO, 2012, p.67-68).

Essa passagem textual é importante porque a partir daí, o leitor passa a ter conhecimento do envolvimento da Rita com o Firmo, ambos tinham uma relação baseada apenas na paixão carnal e mesmo com discussões eles se separavam e se reconciliavam constantemente, conforme o fragmento abaixo:

[...]Ele tinha 'paixa' pela Rita, e ela, apesar de volúvel como toda mestiça, não podia esquecê-lo por uma vez; metia-se com outros, é certo, de quando em quando, e o Firmo então pintava o caneco, dava por paus e por pedras, enchia-a de bofetadas, mas, afinal, ia procurá-la, ou ela a ele, e ferravam-se de novo, cada vez mais ardentes, como se aquelas turras constantes reforçassem o combustível dos seus amores. (AZEVEDO, 2012, p.68).

Nesse trecho da obra, é possível perceber que Rita e seu amante buscavam através da sua relação à satisfação sexual imediata e por isso não procuravam manter uma relação sólida através do casamento. Vale ressaltar que o "relacionamento" entre eles resumia-se apenas na consumação do êxtase sexual. Para Bataille (2013), o casamento, por vezes não possui relação com o erotismo,

pois para se chegar ao ato erótico é necessário romper com os paradigmas sociais, ou seja, é importante que haja transgressão das normas impostas. Nesse sentido, compreende-se que se a Rita está ligada ao símbolo erótico, o casamento nesse aspecto não se enquadra à sua personalidade, pois se torna contraditório, enquanto o comportamento da mulata está relacionado ao erotismo transgredido, o matrimônio se refere apenas ao sexo sem prazer, ou melhor, ao sexo sem o erotismo, porque estava voltado segundo o pensamento religioso, apenas para a procriação do homem. É importante ressaltar, que esse trecho da obra também faz alusão a violência contra a mulher, pois o Firmo quando descobria que a Rita tinha outros amantes “enchia-a de bofetadas”, isso reflete o comportamento “machista” do homem inserido em uma sociedade patriarcal, mas apesar da atitude dele a baiana não se separava do seu amante, pelo contrário as discussões frequentes despertava ainda mais o desejo sexual dos mesmos.

Voltando ao centro narrativo, é importante ressaltar que no mesmo dia da chegada da Rita, houve uma festa no cortiço. Esse ponto é importante porque foi nesse momento que a Rita passou a ter grande destaque na obra, pois durante a festividade a baiana abusava de sua sensualidade, já que tinha o samba como um dos artifícios para expor sua lascívia. Através da dança, a personagem em questão se insinua através dos movimentos corporais libidinosos, se exibindo como se estivesse praticando uma cena de sexo, como se vê no fragmento abaixo:

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que não se toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando. (AZEVEDO, 2012, p. 77/78).

É possível perceber no trecho acima, que a dança é uma artimanha que ela usa para incitar o desejo nos homens que a observavam. O seu corpo, sedento de prazer, faz menção a um ato erótico vinculado ao imaginário humano (PAZ, 2001), pois ao se exhibir para o sexo oposto, ela reproduz uma imagem sexual na mentalidade dos personagens masculinos. Nesse ponto, no que se refere a mulher

usar seu corpo como um atrativo sexual, Bataille (2013, p.155) afirma que “não há em cada mulher uma prostituta em potencial, mas a prostituição é a consequência da atitude feminina. Na medida de seu atrativo, uma mulher é alvo do desejo dos homens”. Partindo desse pressuposto, compreende-se que, embora a Rita não tenha como meio de sobrevivência a prostituição, conforme o pensamento do autor, ela pode ser considerada uma prostituta, porque utiliza seu corpo como uma forma de despertar o impulso sexual nos homens, fazendo uso da dança, da roupa e principalmente dos seus atrativos físicos, como as pernas e a “ilhargas”.

Segundo Alberoni (1993, p.57), “o grande sonho da sedução feminina é a continuidade do amor. No centro do erotismo masculino, ao contrário, vamos encontrar a descontinuidade do prazer sexual”. Todavia, o comportamento da Rita Baiana se contrapõe as ideias do autor mencionado, pois a Rita não anseia em se unir com um parceiro através de leis matrimoniais, nem se entrega amorosamente a alguém. Partindo desse conhecimento, compreende-se que o erotismo masculino citado por Alberoni (1993) também está associado a conduta sexual da personagem em análise, já que a descontinuidade do sexo diz respeito ao prazer momentâneo e sem compromisso.

Retomando a análise da personagem, é importante mencionar que enquanto a Rita dançava, alguém a observava fascinado: é o Jerônimo, português, que saiu de sua terra natal em busca de melhores condições de vida no Brasil. Ao ver a baiana dançando, pressentiu que:

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sextas da fazenda: era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e o açúcar gostoso; [...] era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, (...). (AZEVEDO, 2012, p.78-79)

Esse trecho remete a primeira vez que o português viu a Rita. Nota-se que ele sente de imediato um desejo inexplicável, pois ela conseguiu aflorar nele um sentimento que estava adormecido, porém ressalta-se que esse sentimento diz respeito a sensações que até então ele jamais tinha sentido por outra mulher, nem mesmo pela sua esposa. Percebe-se que a Rita tentava seduzir aqueles que a

observavam, porém de acordo com Alberoni (1993, p.68) “seduzir, para o homem não significa provocar uma emoção erótica indelével, significa ir para cama, fazer amor”. Dessa forma, ressalta-se que o erotismo da Rita provocado no Jerônimo faz menção a um estímulo voltado para satisfação imediata do prazer, ou seja, o desejo manifestado em Jerônimo está relacionado diretamente a consumação do ato sexual, mas que está presente apenas no seu imaginário, pois ambos ainda não tiveram nenhum tipo de envolvimento. Outro aspecto importante, são as metáforas usadas pelo narrador para enfatizar a imagem sedutora da personagem, pois a personalidade da Rita é descrita como um “mistério”, visto que o Jerônimo ainda não conseguia decifrá-la, além disso o narrador compara a baiana ao clima tropical brasileiro, fator esse que se assemelha com o desejo ardente provocado pela baiana no português, a Rita também é comparada a uma serpente devido aos movimentos corporais que ela realiza ao dançar, pois através da dança a personagem conseguiu despertar o desejo sexual no seu amante.

No dia seguinte, o Jerônimo amanheceu doente e foi visitado pela Rita, que foi vestida de uma forma provocante, pois “o seu casaquinho branco abria-lhe no pescoço, mostrando parte do peito cor de canela” (AZEVEDO, 2012, p.81). Nesse aspecto, Alberoni (1993, p.31) argumenta que “o erotismo masculino é ativado pela forma do corpo, pela beleza física, pelo fascínio, pela capacidade de sedução”. Dessa forma, o personagem Jerônimo sente-se atraído pela Rita devido a sua provocação, pois ela fazia uso do seu corpo sensual como forma de ativar ainda mais o desejo do Jerônimo por ela. O português ao receber a visita da Rita, sentiu-se feliz e ficou embriagado com seu perfume, conforme abaixo:

Jerônimo, só com respirar aquele almíscar, parecia melhor. Quando a Piedade tornou, pesada, triste, resmungando consigo mesma, ele sentiu que principiava a enfará-lo; e, quando a infeliz se aproximou do marido, este, fora do costume, notou-lhe o cheiro azedo do corpo. Voltou-lhe então o mal-estar e desapareceu o último vestígio do sorriso que ele tivera havia a pouco. (AZEVEDO, 2012, p.81)

De acordo com o trecho acima, entende-se que Jerônimo já dava indícios da sua paixão pela baiana, pois enquanto estava na presença dela, sentia-se bem, mas logo após a saída da Rita ele passou a sentir os mesmos sintomas de antes. Faz-se necessário esclarecer que Jerônimo era casado com a Piedade, uma mulher de trinta anos de idade, de conduta simples e honesta. Inicialmente, Jerônimo amava e respeitava a sua esposa, além disso, também tinha com ela uma

filha, mas após conhecer a Rita, ele muda sua maneira de tratar sua esposa, pois passa a ser ríspido e indiferente com ela, porque até o cheiro dela já estava incomodando-o, enquanto o odor da Rita provocava sensações que não eram mais despertadas pela sua mulher.

Vale ressaltar que a Rita ainda estava envolvida com o Firmo, mas mesmo assim, manteve seu fascínio erótico sob Jerônimo, visto que ele acaba por deixar sua família como última opção, pois agora passava a priorizar a mulata. Nesse aspecto, observa-se que o erotismo presente na personagem em questão possui um forte domínio erótico, pois através do fascínio sexual que ela despertou no Jerônimo, conseguiu que ele passasse a viver em função desse sentimento avassalador, visto que seu objetivo era concretizar esse desejo.

Logo após a Rita ter visitado o Jerônimo, a Piedade informou-a que o português estava se sentindo melhor por causa do remédio que a Rita havia lhe aconselhado tomar, então ela decide ir vê-lo novamente, como se pode perceber no fragmento abaixo:

--Então, que me diz agora? Sente-se ou não melhorzinho? Ele voltou para a rapariga o seu olhar de animal prostrado e, por única resposta, passou-lhe o braço esquerdo na cintura e procurou com a mão direita segurar a dela. Queria com isto traduzir o seu reconhecimento, e a mulata assim o entendeu, tanto que consentiu; mal porém a sua carne lhe tocou na carne, um desejo ardente apossou-se dele; uma vontade desensofrida de senhorear-se no mesmo instante daquela mulher e possuí-la inteira, devorá-la num só hausto de luxúria, trincá-la como um caju. (AZEVEDO, 2012, p.84)

A partir desse fragmento, é possível constatar que a Rita com o seu forte poder de atração aos poucos ia seduzindo e conquistando a atenção do Jerônimo. Nesse sentido, Alberoni (1993, p.38) explica que “a sedução feminina faz funcionar a excitação erótica no homem, provoca nele o desejo, acende-o como se acende uma tocha”. Diante disso, é válido ressaltar que após conhecer a Rita, o Jerônimo passou a sentir uma paixão que o dominou por completo, por isso ele não consegue controlar seu impulso sexual, pois segundo a estética naturalista o homem é visto como um animal já que não consegue dominar seus instintos, visto que se sobressaem acima do seu caráter.

A aproximação entre o Jerônimo e a Rita já estava provocando ciúmes na Piedade, porém essa situação também estava incomodando o Firmo, amante da Rita, conforme abaixo:

Mas não era só a portuguesa que se mordida com o descaimento do Jerônimo para a mulata, era também o Firmo. Havia muito já que este andava com a pulga atrás da orelha e, quando passava perto do cavouqueiro, olhava-o atravessado. (AZEVEDO, 2012, p.96)

Com base no fragmento acima, ressalta-se que tanto Jerônimo como o Firmo já estavam entrelaçados no poder erótico da Rita, pois o erotismo presente nessa personagem foi capaz de despertar o estímulo sexual entre eles como também foi responsável por despertar um sentimento de rivalidade entre os mesmos, que passaram a disputá-la como um objeto de desejo, já que segundo Bataille (2013, p.153, grifos no original) “em seu primeiro movimento, não obstante, o erotismo é significado pela posição de um *objeto do desejo*” por isso pode-se afirmar que o erotismo da Rita possui um alto domínio no sexo masculino, pois o homem deixa-se seduzir visualmente (ALBERONI, 1993), dessa forma, o objeto de desejo é o corpo da Rita, que ao se exibir deixa transparecer a sua voluptuosidade ao revelar algumas partes do seu corpo, como as pernas e os seios.

As festas realizadas no cortiço eram frequentes e o grande destaque das noites de samba, eram os movimentos sensuais da dança da Rita, que conseguia provocar um desejo irresistível tanto no Firmo quanto no Jerônimo, pois o português não conseguia parar de observá-la e o capoeira se sentia envolvido numa luxúria, excitado pelo ritmo provocante da mulata. Já a Rita gostava de ser desejada por esses homens, pois fazia questão de estimular o impulso sexual deles. A todo o momento o Jerônimo cochichava no ouvido da Rita chamando-a de meu bem e dizendo que faria qualquer coisa para estar ao lado dela e ela correspondia aos encantos do português. Após isso, a Rita disse um segredo no ouvido do Jerônimo o que provocou ainda mais a ira do Firmo, ocasionando uma briga entre eles, a saber:

O brasileiro tinha já recebido pauladas na testa, no pescoço, nos ombros, nos braços, no peito, nos rins e nas pernas. O sangue inundava-o inteiro; ele rugia e arfava, iroso e cansado, investindo ora com os pés, ora com a cabeça e livrando-se daqui, livrando-se dali, aos pulos e às cambalhotas. A vitória pendia para o lado do português. Os espectadores aclamavam já com entusiasmo; mas, de súbito, o capoeira mergulhou, num relance, até as canelas do adversário e surgiu-lhe rente dos pés, grudado nele, rasgando-lhe o ventre com uma navalhada. (AZEVEDO, 2012, p.121)

É importante destacar que enquanto algumas pessoas do cortiço tentavam “amenizar” o confronto entre o Firmo e o Jerônimo, a Rita apenas observava de longe, estava satisfeita e feliz ao ver dois homens brigando por ela, ou seja, o erotismo presente na baiana estava provocando tumultos que poderiam trazer consequências mais graves, mas a Rita sentia-se orgulhosa ao saber que estava sendo disputada por aqueles homens.

Após o conflito, Jerônimo, gravemente ferido, foi levado para sua casa acompanhado de sua esposa e da Rita, que mesmo na presença de Piedade, não poupou em fornecer “carinhos” ao doente, de acordo com o trecho abaixo:

E ele, o mísero, interrompia as contrações do rosto para sorrir defronte dos olhos enamorados da baiana, feliz naquela desgraça que lhe permitia gozar dos seus carinhos. E tomava-lhe as mãos, e cingia-lhe a cintura, resignado e comovido, sem uma palavra, sem um gesto, mas a dizer bem claro, na sua dor silenciosa e quieta de animal ferido, que a amava muito, que a amava loucamente.
Rita afagava-o, já sem a menor sombra de escrúpulo, tratando-o por tu, ameigando-lhe os cabelos sujos de sangue com a polpa macia da sua mão feminil. E, ali mesmo em presença da mulher dele, só faltava beijá-lo com a boca, que com os olhos o devorava de beijos ardentes e sequiosos. (AZEVEDO, 2012, 125-126)

Conforme o trecho acima, a Rita ao invés de cuidar do Firmo, que possuía com ele um vínculo sexual, já que ambos dormiam juntos todas as noites, ela preferiu socorrer o Jerônimo, pois ele já estava se tornando seu mais novo alvo de sedução. Ao lado do português, a mulata se sentia desejada e o Jerônimo, não demonstrava nenhum tipo de arrependimento por ter se machucado, pois graças aos seus ferimentos ele podia então desfrutar dos cuidados advindos da sua amada. Além disso, os dois agiam sem “escrúpulos”, já que a mulher de Jerônimo presenciava toda aquela cena que lhe causava angústia e constrangimento.

Três meses após a briga entre Firmo e Jerônimo, a Rita ainda era amante do capoeira, porém já não era a mesma pessoa de antes, pois o tratava com frieza, além de sempre procurar um motivo para evitar seus encontros. Na verdade, a

baiana já estava se interessando pelo português, mas mesmo assim, ela tenta manter uma postura de “mulher difícil”, ainda que temporária. Nesse sentido, afirma-se que esse tipo de comportamento está inserido no jogo de sedução feminino, que utiliza o erotismo como “arma de conquista”, já que segundo Alberoni (1993, p.38) “(...) o estímulo sexual deve ser, ao mesmo tempo, recusa, obstáculo”. Baseado nisso, ressalta-se que inicialmente a Rita não cede as investidas do Jerônimo, mas ao mesmo tempo deixa transparecer que esse desejo é recíproco, pois ansiava tê-lo como amante.

Jerônimo estava disposto a se vingar do Firmo, por isso planeja uma emboscada juntamente com dois homens para assassinar o capoeira, como se pode perceber no fragmento abaixo:

O capoeira, mal tocou com os pés em terra, desferiu um golpe com a cabeça, ao mesmo tempo que a primeira cacetada lhe abria a nuca. Deu um grito e voltou-se cambaleando. Uma nova paulada cantou-lhe nos ombros, e outra em seguida nos rins, e outra nas coxas, outra mais violenta quebrou-lhe a clavícula, enquanto outra logo lhe rachava a testa e outra lhe apanhava a espinha, e outras cada vez mais rápidas, batiam de novo nos pontos já espancados, até que se converteram numa carga contínua de porretadas, a que o infeliz não resistiu, rolando no chão, a gotejar sangue de todo corpo. (AZEVEDO, 2012, p.162)

De acordo com o trecho acima, nota-se que o firmo foi cruelmente espancado, até a morte, devido ele ser visto como uma ameaça para o Jerônimo, bem como também era mais um amante da mulata, por isso o português resolveu “eliminar” seu rival. Dessa forma, conclui-se que o assassinato do capoeira pode ser analisado com uma consequência do erotismo da Rita em relação ao Firmo. Além disso, a atitude de Jerônimo está relacionada ao processo denominado zoomorfismo vinculado à teoria darwinista, que acredita que o ser humano age instintivamente e não pensa nas consequências de suas ações (COUTINHO, 2004).

Nessa perspectiva, Bataille (2013, p.44) afirma que “se a união dos dois amantes é o efeito da paixão, ela evoca a morte, o desejo de assassinato ou de suicídio”. Em consonância com esse pensamento, percebe-se que o Jerônimo influenciado pelo erotismo da Rita deixa-se levar pelos seus instintos, se tornando um assassino, nesse aspecto, segundo Azevedo (2012, p.165) “Rita começou a tremer: no olhar do português, nas suas mãos encardidas de sangue, no seu todo de homem, ébrio, encharcado e sujo, havia uma terrível expressão de crime”. Com

base nesse fragmento, nota-se a força dominadora do erotismo foi capaz de provocar sérias atrocidades, o que inclui até mesmo um assassinato.

É possível perceber que o caráter do português foi mudando graças ao seu envolvimento com a Rita, que através do seu poder erótico foi capaz de “abrasileirar” o português, pois inicialmente de acordo com Azevedo (2012, p.57) Jerônimo “era tão metódico e tão bom como trabalhador quanto o era como homem”. Porém tudo isso muda, quando este passa a se relacionar eroticamente com a Rita Baiana, pois a sua personalidade sofreu uma intensa transformação, já que após conhecer a mulata, Jerônimo se tornou um péssimo pai e marido, fez dívidas, passou a beber e reclamava do trabalho, tudo por causa de uma paixão avassaladora, que provocou uma intensa mudança, principalmente na sua vida familiar.

Em relação ao sentimento do Jerônimo pela Rita, Azevedo escreve:

O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes. (AZEVEDO, 2012, p.163-164)

Conforme a ilustração acima, Jerônimo não desejava mais a sua esposa, porque agora o seu prazer estava voltado para a baiana, já que apenas com ela ele conseguia alcançar o verdadeiro êxtase sexual, pois ambos se completavam em aspectos voltados para o sexo. Esse trecho também está associado ao determinismo, pois o português deixa-se levar pelas influências do ambiente em que está inserido, além disso, ele passa a se comportar de maneira diferente, por isso “uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos” (AZEVEDO, 2012, p.92).

Além do assassinato, o adultério também foi ocasionado pelo erotismo presente na Rita, pois apesar de ter conhecimento de que o Jerônimo era casado, ainda assim se envolveu eroticamente com ele. Porém, apesar do desejo que envolvia tanto a Rita como o Jerônimo, ambos ainda não tinham se relacionado sexualmente, mas na noite do crime, o português foi até a casa da baiana, e ao chegar à sua residência, não conseguiram mais controlar seus desejos e tiveram sua primeira noite juntos, conforme abaixo:

(...) atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doido.

Jerônimo, ao senti-la inteira no seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-lhe o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria e cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela, sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, encandescendo, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

E com um arranco de besta-fera caíram ambos prostrados, arquejando. Ela tinha a boca aberta, a língua fora, os braços duros, os dedos inteiriçados, e o corpo todo a tremer-lhe da cabeça aos pés, continuamente, como se estivesse morrendo; ao passo que ele, de súbito arremessado longe da vida por aquela explosão inesperada dos seus sentidos, deixava-se mergulhar numa embriaguez deliciosa, através da qual o mundo inteiro de todo o seu passado fugiam como sombras fátuas. E, sem consciência de nada que o cercava, nem memória de si próprio, sem olhos, sem tino, sem ouvidos, apenas conservava em todo o seu ser uma impressão bem clara, viva, inextinguível: o atrito daquela carne quente e palpitante, que ele em delírio apertou contra o corpo, e que ele ainda sentia latejar-lhe debaixo das mãos, e que ele continuava a comprimir maquinalmente, como a criança que, já dormindo, afaga ainda as tetos em que matou ao mesmo tempo a fome e a sede com que veio ao mundo. (AZEVEDO, 2012, p. 166-167)

Nesse sentido, percebe-se que o sexo entre o Jerônimo e a Rita é descrito minuciosamente, sendo relatado conforme a teoria darwinista (zoomorfismo), onde ambos assumem comportamentos semelhantes a animais, nesse aspecto, Bataille (2013, p.118) afirma que “a animalidade é mesmo tão bem mantida no erotismo, que o termo animalidade, ou bestialidade, não cessa de lhe estar ligado”. Conclui-se também que o Jerônimo sente-se realizado sexualmente com a baiana, já que segundo a visão de Alberoni (1993), ela assume uma conduta totalmente semelhante a uma prostituta, pois consegue satisfazê-lo durante as relações sexuais, nesse sentido, Alberoni (1993, p.89) explica que “(...) a prostituta satisfaz certas fantasias eróticas masculinas”. Sendo assim, nota-se que o envolvimento da Rita com o Jerônimo está baseado no erotismo, porque a relação entre ambos está centralizada na força sexual. Sendo assim, é importante ressaltar, que a obra *O Cortiço* não se caracteriza como pornográfica, pois não tem como propósito estimular o prazer sexual no leitor, mas através do erotismo o leitor pode obter “um saber sobre o prazer” (DURIGAN, 1985, p.38) através da narrativa literária.

Dessa forma, o envolvimento entre a baiana e o português transgride as regras impostas pela sociedade, pois afeta o casamento do Jerônimo, levando-o a

cometer o adultério. Nessa perspectiva, Foucault (2006, p.45) assevera que “romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação”. Diante dessa constatação, é possível perceber que a atitude de Jerônimo rompeu com as leis da sociedade da época. Seguindo o pensamento de Foucault, Bataille (2013, p.133) escreve que “o casamento é, antes de mais nada, a moldura da sexualidade lícita”, ou seja, o sexo só é permitido mediante o matrimônio, porque segundo a visão do cristianismo, um homem e uma mulher só poderão ter relações sexuais após a união conjugal.

Além disso, um grande fator que merece destaque, são as relações sexuais da Rita que são classificadas de acordo com a estética naturalista como perversão e marginalidade sexual, porque não atendia as leis evolucionistas da época (CASTELLO BRANCO, 1985), que visavam unicamente a reprodução humana, banindo qualquer atitude voltada ao deleite sexual.

Retomando a análise da obra em estudo, destaca-se que após a concretização da primeira relação sexual entre a Rita e o Jerônimo, eles resolvem morar juntos, por esse motivo, o português decide abandonar sua família sem nenhum remorso, pois “(...) entraria em vida nova, senhor da sua mulata (...)” (AZEVEDO, 2012, p.174). Desse modo, percebe-se que o cavouqueiro por está totalmente fascinado pela baiana, passa a viver em função do seu desejo por ela, pois na sua companhia, ele se sentia “(...) numa eterna embriaguez de gozos” (AZEVEDO, 2012, p.174).

Apesar da paixão carnal, Jerônimo e Rita não chegam a casar, apenas “se juntam”, pois um casamento exige respeito e fidelidade, características ausentes no caráter da personagem em questão, pois conforme Azevedo (2012, p.63):

-Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! Qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!.

Nesse aspecto, compreende-se que as regras estabelecidas pelo matrimônio não se enquadram nas aventuras sexuais da Rita, já que ela não conseguia se manter “presa” a um homem só, pois ela não permitia que nenhum homem exercesse domínio sobre sua vida.

Além disso, é importante salientar que a união estável entre a Rita e o Jerônimo estava centralizada principalmente na prática erótica, pois ambos viviam

procurando satisfazer seus apetites sexuais, sendo assim, o português foi deixando em último plano, suas obrigações de pai, porque atrasou o pagamento do colégio de sua filha, para ceder aos caprichos da mulata. Dessa maneira, Alberoni (1993, p.88) afirma que “para o homem o relacionamento sexual é uma coisa importante, tem necessidade absoluta dele”, por esse ponto de vista, é possível evidenciar que o erotismo da baiana possui autocontrole sobre o cavouqueiro, já que com base nas ideias de Alberoni (1993), o homem não consegue renunciar o seu prazer, dessa maneira, o Jerônimo tem a Rita como uma fonte de saciação do seu desejo, por esse motivo, ele deixa de exercer seus compromissos, mas não consegue renunciar seus anseios sexuais, como se vê no excerto abaixo:

A primeira parte da sua lua de mel foi uma cadeia de delícias contínuas; tanto ele como ela, pouco ou nada trabalharam; a vida dos dois resumira-se, quase que exclusivamente, nos oito palmos de colchão novo, que nunca chegava a esfriar de todo. Jamais a existência pareceu tão boa e corredia para o português; aqueles primeiros dias fugiram-lhe como estrofes seguidas de uma deliciosa canção de amor, apenas espacejada pelo estribilho dos beijos em dueto; foi um prazer prolongado e amplo, bebido sem respirar, sem abrir os olhos, naquele colo carnudo e dourado da mulata, a que o cavouqueiro se abandonara, como um bêbado que adormece abraçado a um garrafão inesgotável de vinho gostoso. (AZEVEDO, 2012, p.188)

Como se pode perceber, a cena é descrita através de uma sensualidade baseada no “desregramento erótico” (BULHÕES, 2003, p.215), no qual é representado por um erotismo intenso que não privilegia o amor, mas a dominação sobre o sexo masculino, pois para Alberoni (1993), o erotismo feminino pode ocorrer com base no controle do seu parceiro, já que por meio da excitação erótica, a mulher, muitas vezes, consegue controlar as atitudes do homem, e dessa forma ela conquista a submissão do seu companheiro ou amante.

Assim, verifica-se que o sensualismo erótico na personagem em análise, é retratado a todo o momento no centro narrativo com o objetivo de enfatizar a eroticidade da Rita, conforme a ilustração abaixo:

A mulata então aproximou-se dele, por detrás; segurou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-o na boca, arredando com os lábios a espessura dos bigodes.
Jerônimo voltou-se para a amante, tomou-a pelos quadris e assentou-a em cheio sobre as suas coxas.
(...) E abraçaram-se com ímpeto, (...). (AZEVEDO, 2012, p.194-195)

Conforme o exposto acima, ressalta-se que esse fragmento remete a última aparição da Rita e seu amante. É possível perceber a manifestação do erotismo presente nela, já que ela é descrita juntamente com o Jerônimo através de uma sensualidade erótica. É importante ressaltar que em determinado momento da obra, a relação entre ambos tornou-se desgastante, já que devido a falta de controle financeiro da Rita, Jerônimo enfrentou problemas econômicos, além disso, o português foi tomado por um breve sentimento de arrependimento em relação a sua atitude para com a sua família, “(...) mas só a ideia de separar-se da amante, punha-lhe logo o sangue doido e apagava-lhe de novo a luz dos raciocínios, ‘Não! não! Tudo que quisessem, menos isso!’” (AZEVEDO, 2012, p.192).

Dessa maneira, enfatiza-se que no final do romance, a baiana e o português permanecem juntos, graças ao erotismo, que com seu poder avassalador, uniu a Rita ao Jerônimo. Em suma, a força erótica foi capaz de destruir um lar e uma vida, por essa razão, a erotividade presente na Rita, diz respeito à transgressão das regras da sociedade da época (BATAILLE, 2013), que visavam o sexo apenas após o casamento, além da fidelidade conjugal, características estas que não condiziam com a personalidade da Rita, já que ela era uma mulher independente, dominadora, além de possuir um fascínio sexual sobre a figura masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa procurou explicar a temática erótica no romance naturalista *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, pois teve como propósito analisar alguns aspectos ligados ao erotismo presente na personagem Rita Baiana, bem como as consequências causadas pelo forte poder de dominação erótica da personagem sob os seus amantes Firmo e Jerônimo. Dentre muitos aspectos analisados, no que concerne ao erotismo da baiana, a transgressão foi um dos fatores principais, visto que o comportamento da Rita não estava de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade da época, pois ela era uma mulher livre e independente, além disso, possuía uma intensa sensualidade que foi capaz de despertar o desejo sexual nos homens que a conheceram.

Tendo por base alguns teóricos, como Bataille (2013) e Alberoni (1993), foi possível compreender que o erotismo da Rita estava relacionado à descontinuidade erótica, pois a baiana buscava em suas relações apenas o prazer sexual momentâneo, sem a presença do sentimentalismo amoroso, além disso, a Rita não queria se unir a alguém através do matrimônio, pois isso exigiria respeito e fidelidade, características estas que não condiziam com a personalidade dela, outro aspecto importante é que, para a Rita o casamento era sinônimo de submissão da mulher em relação ao homem.

A Rita demonstrava sua sensualidade através do seu corpo, da dança e dos seus atrativos físicos, e foi assim que ela seduziu eroticamente o Firmo e o Jerônimo. Nesse sentido, foi observado que o Firmo foi alvo do erotismo da Rita, já que ambos tiveram uma relação baseada apenas no prazer carnal, simultaneamente a baiana mesmo envolvida com o capoeira, despertou um fascínio sexual no Jerônimo.

Além disso, ressalta-se que, apesar da Rita baiana não ser a protagonista da obra, é impossível não notar sua presença, já que ela consegue chamar a atenção do leitor e dos demais personagens, desde o momento de sua aparição. Embora apresente uma conduta vulgar, essa personagem também se caracteriza pela sua independência, visto que através do seu trabalho como lavadeira, ela obtinha seu próprio sustento, esse fato é importante porque ilustra o comportamento da mulher moderna, que ao contrário da mulher do século XIX, ela trabalha para suprir suas necessidades pessoais.

Dessa forma, conclui-se que o erotismo presente na personagem em questão foi o principal responsável em provocar atrocidades na vida dos seus amantes, posto que o Firmo foi assassinado, enquanto o Jerônimo cometeu o adultério, praticou um crime, abandonou sua família e passou a adotar um comportamento “abrasileirado” conforme destaca o narrador, ao descrever que o português se tornou preguiçoso graças ao meio ao qual estava inserido. Nesse aspecto, pode-se afirmar que o erotismo feminino está relacionado aos desejos íntimos, que podem se manifestar de maneira implícita e explícita através de fantasias ou de práticas sexuais.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. **O erotismo**. tradução de Elia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Tradução de: L'erotismo.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**; tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRANCO, Lúcia Castello. **Eros Travestido**: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

_____. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BULHÕES, Marcelo. **Leituras do Desejo**: O Erotismo no Romance Naturalista Brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2006. Do original em francês: Histoire de la Sexualité: I: La Volonté de savoir.

_____. **História da sexualidade 2**; O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012. Tradução de: Histoire de la sexualité: l'usage de plaisir.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher**: a moral e o imaginário: 1889-1930. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da Literatura Brasileira**. Prosa de ficção (de 1870 a 1920). Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. v. 12.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: realismo.** São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo.** tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1965.

ZOLA, Emile. **O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro.** São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1979.

APÊNDICES



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
 Monografia
() Artigo

Eu, Grizlandia Moura Lima,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
O erotismo presente na personagem Rita
Baiana do romance Naturalista O Cordeiro
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de Janho de 2015.

Grizlandia Moura Lima
Assinatura